

Wagner Xavier de Camargo

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil

## O universo dos gêneros nos esportes: descortinando relações

Estádio lotado, 65 mil lugares ocupados, tensão e expectativa no ar. Nossa equipe de revezamento deixa a zona de aquecimento e se dirige à entrada da pista de atletismo. Somos uns quantos titulares e outros tantos substitutos, eu dentre esses. Em toda a minha vida atlética nunca fora convocado na urgência do momento. O *line-up* (ou listagem de atletas) é sempre definido *a priori* pelo técnico, que o encaminha para a equipe de arbitragem responsável. A prova de revezamento é clássica da modalidade e o melhor resultado depende, obviamente, da passagem do bastão – sempre ajustada à exaustão em sessões prévias de treinamento. Naquela tarde de março, no entanto, os fatos não se dariam conforme o planejado. Nosso *speedster*, ou homem mais rápido do grupo, aquele que fecha a prova justamente tentando diminuir a vantagem de tempo dos outros adversários, passou mal e estava sem possibilidades de executar sua performance atlética. Sou convocado às pressas. Correr e correr o mais rápido que conseguir, com o risco de deixar a desejar toda a equipe. Acato a convocação. Sou movido à velocidade e emoção!

Saio, aqui, do lugar comum relegado aos “últimos minutos do segundo tempo” de uma partida de futebol para compor na apresentação desta seção temática a narrativa de uma prova de revezamento, numa das mais elegantes (e antigas) modalidades esportivas ainda em vigor, qual seja, o atletismo. Analogamente, como na prova de passagem do bastão no revezamento, estou aqui com o bastão na mão (materializado nesta seção temática), para passar adiante às/aos/xs nossas/os/xs queridas/os/xs leitoras/es/xs essa diversificada coleção de artigos que tratam de gênero e esporte. De um entre tantas/os/xs atletas, sinto-me honrado de ter sido escolhido para levar a cabo a tarefa de agrupar os textos e apresentá-los a um público amplo. À semelhança da corrida de revezamento, em que corremos em equipe, aparecemos aqui no coletivo, numa seção especial, numa das revistas brasileiras que lançam vanguarda nas temáticas relativas aos estudos feministas e de gênero.

A seção é composta por seis artigos finalistas. Agradecemos, de antemão, a participação de outros que estiveram nas baterias prévias, porém não se classificaram. Dentre as/os/xs finalistas, autoras/es/xs brasileiras/es/xs e estrangeiras/os/xs, principalmente



Esta obra está sob licença *Creative Commons*.

da Espanha. Da mesma forma, faz-se necessário registrar o agradecimento às/aos/xs pareceristas *ad hoc*, que de modo similar a *back-up timers* (ou assistentes de cronometragem na arbitragem do atletismo), nos possibilitaram inestimáveis pareceres, sem os quais certamente nossas tarefas de seleção teriam sido mais difíceis.

Assim, no perfilamento, temos na raia um, Carlota Coronado Ruiz, que trará um estudo comparativo da informação cinematográfica italiana relacionada ao esporte feminino durante o fascismo e na primeira década de democracia na Itália (anos 1950). Para tanto, a autora analisou como fonte o Arquivo Foto-Cinematográfico Luce (em Roma) a fim de verificar que tipos de esportes eram relacionados às mulheres e quais eram os estereótipos de gênero (masculinos e femininos) mais difundidos pelos noticiários. O estudo revelou as ideias e noções sobre participação de mulheres no esporte reinantes na sociedade italiana da época e permitiu, igualmente, perceber como foi se configurando uma maior “aceitação” social do esporte praticado por elas.

Abordando o futsal de mulheres e as estratégias de resistência/permanência nesse esporte, estão André Luiz Silva e Patrícia Nazário na raia dois. Apoiados nos pressupostos teórico/metodológicos da História Oral e dos acervos pessoais, eles analisaram o protagonismo de um grupo de mulheres atletas na construção de uma das melhores equipes de futsal feminino do Brasil, nos anos 2000. Ao forjarem uma rede de estratégias, as atletas de futsal, investigadas por eles, problematizaram as clássicas representações de masculinidade que tanto caracterizam a modalidade, deflagrando os meticulosos processos que incidem normativamente sobre seus corpos e condutas.

Na raia três posiciona-se uma verdadeira equipe. São cinco respeitadas pesquisadoras (brasileiras e espanholas) lideradas por Helena Altmann, que se colocaram na missão de problematizar o gênero e a cultura corporal em práticas pedagógicas de meninos e meninas nos ambientes escolares. A pesquisa foi realizada com oitavos e nonos anos do ensino fundamental, da região metropolitana de uma cidade brasileira. A investigação aplicou questionários fechados às/aos/xs estudantes e a amostra final contou com 1.742 sujeitos, provenientes de 39 escolas. Como discussão final, o gênero mostrou-se um marcador de diferença estatisticamente significativo nos resultados. Segundo as autoras, por sua vez, as desigualdades de gênero foram favoráveis aos meninos em quase todos os aspectos avaliados, exceto no apoio docente, que foi percebido de forma equânime.

Na raia quatro estão Daniela Auad e Luciano Corsino, que a partir da abordagem interseccional, analisam, por um lado, a sub-representação das meninas e mulheres na Educação Física Escolar, e por outro, as formas de transgressão engendradas por alunas e docentes, que buscam uma prática pedagógica capaz de cruzar fronteiras cristalizadas pela tradição, movida por enfoque não binário. Além disso, os/as/xs autores trazem os conceitos de “coeducação” e “aprendizado da separação” para debater como podem ser percebidas, mantidas e/ou transformadas as relações raciais e de gênero.

Escrito a oito mãos, por diferentes mulheres com distintas habilidades atléticas e acadêmicas, à semelhança de uma verdadeira prova de revezamento no atletismo, na raia cinco encontra-se o artigo sobre o pioneiro “Guerreiras Project”, que empodera mulheres por meio do futebol. Luiza dos Anjos, Suellen Ramos, Pamela Joras e Silvana Goellner analisam as ações desenvolvidas pelo coletivo responsável pelo projeto citado e suas estratégias com jogadoras mulheres. Entrevistas, História Oral e iconografias auxiliam na decodificação dos fragmentos que compõem a trajetória do “Guerreiras Project”, que para além de uma proposta pedagógica, traz um projeto de intervenção política da mulher (futebolista e esportiva) na sociedade.

Por fim e não menos bem posicionado, encontro-me na raia seis. Trago uma discussão que pretende pensar o armário da sexualidade no mundo esportivo. Parto de dados

etnográficos para observar como enunciações de atletas sobre suas sexualidades colocam em xeque um complexo sistema de controle (e autocontrole) das mesmas e das de outros/as, num marco de referências sobre o segredo do armário. Problematizei as (homo)sexualidades nos cenários de competições esportivas LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans e outrxs), uma vez que me permitiram colocar, face a face, os campos de estudo de gênero e sexualidades na intersecção com o universo dos esportes.

Na corrida de revezamento da vida acadêmica, esse bastão eu passei. Só nos resta saber, por parte de torcedorxs-leitorxs desse compêndio, quais bastões foram adequadamente passados para frente pelxs autorxs apresentadxs aqui! Deixo com vocês a excitante experiência de acompanhar uma prova de revezamento com passagens de bastões, numa competição que trata de gênero e esportes.

**Wagner Xavier de Camargo** (wxcamargo@gmail.com) é pós-doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos/UFSCar (2016-2019), doutorou-se em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC (2008-2012). Atua nos campos de Antropologia das Práticas Esportivas e Estudos de Gênero, Corporalidades e Sexualidades. É membro efetivo da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e vice-líder do LELuS (Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e Sociabilidade), na UFSCar. Socio-fundador e pesquisador da Rede Brasil-Alemanha de Internacionalização do Ensino Superior (REBRALINT), criada em 2017.